



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

**ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO CENTRO TERRITORIAL DE
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA (CETEP).**

Vanessa Costa dos Santos*
(UESB)

Andrecksa Viana Oliveira Sampaio**
(UESB)

RESUMO

O trabalho apresenta a necessidade de uma prática pedagógica geográfica voltada para os aspectos sociais, sendo que o homem como o sujeito, é construído e constrói sua própria realidade e o seu espaço. No processo de ensino e aprendizagem é fundamental o interesse do docente e discente, assim como também, os conhecimentos prévios do estudante devem ser levados em consideração. Nessa perspectiva a proposta apresentada nesse trabalho visa analisar e compreender o ensino e aprendizagem de Geografia no Centro Territorial de Educação Profissional de Vitória da Conquista (CETEP). Para tanto, foi analisado a metodologia dos professores de Geografia, por meio de observação, se estes têm uma prática de ensino voltada para a geografia escolar tradicional, ou acompanharam o avanço da Geografia em seu estudo crítico social. Foi utilizado anotações diárias, pois este é imprescindível na coleta de dados na observação, visto que, é uma ferramenta de registro sobre aquilo que foi observado. Foi realizada entrevista informal com os sujeitos que compõem a unidade escolar. O ensino e aprendizagem no CETEP ocorre de forma coerente em que a prática está voltada para uma aula participativa em que o professor entra como mediador no processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino e Aprendizagem, Geografia, Observação participante

*Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, no projeto de pesquisa intitulado: "Desenvolvimento territorial e políticas públicas: As intervenções no espaço rural.". E-mail: vanessacosta792@gmail.com

**Doutora em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Espaço, Memória e Representações Sociais, CNPq, Coordenadora de área do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), viladea@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

O ensino de geografia é fundamental no desenvolvimento crítico do aluno sobre si mesmo e a sociedade. E o docente tem um papel mediador no processo de (re) construção social do aluno. Entretanto, será que esse processo realmente ocorre? Qual tem sido a prática pedagógica do professor de Geografia. Sendo assim, de que maneira a prática docente do profissional de Geografia do Centro Territorial de Educação Profissional de Vitória da Conquista (CETEP), tem contribuído para o despertar a construção do conhecimento, interesse e aprendizagem dos alunos por essa disciplina?

É imprescindível que o discente no estudo de Geografia torne leitores da realidade espacial que estão inseridos, compreendendo que são sujeitos passivos e ativos nas relações político-democráticas do ambiente escolar e do mundo.

O ensino de Geografia é essencial para uma melhor análise e compreensão da organização espacial, local e global, em que os alunos estão inseridos. Entretanto esse ensino é muitas vezes passado de forma defasado, não abarcando uma visão holística e crítica do espaço.

ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA

A disciplina geografia tem um papel indispensável no aprendizado geográfico dos alunos, o que possibilita para estes o desenvolvimento crítico-reflexivo, um novo olhar na observação do espaço, em suas constantes modificações. Para Calvalcanti (2005) a ciência geográfica no final de 1970 passou por profundas modificações em sua análise teórico-metodológica, que ficou conhecido como Movimento de Renovação da Geografia. Segundo a autora:

Desde então, muitos caminhos foram escolhidos para se fazer uma análise crítica da fundamentação teórico-metodológica da ciência geográfica e para se propor alternativas ao modo de trabalhar essa ciência como matéria escolar. [...] propostas para o ensino de Geografia têm tido pouca penetração na prática desse ensino ou têm demorado



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

muito a chegar a essa instância, mas já é possível observar alterações [...] (CALVALCANTI, 2005, p.11)

Essas transformações, porém, não foram acompanhadas por parte dos professores em sua prática:

A geografia encontrada na maioria dos livros didáticos e que é ensinada, geralmente, nas escolas apresentam uma análise descritiva – ou apenas uma descrição – do que se vê hoje no mundo. Essa geografia escolar consiste, portanto, em uma ‘visão de mundo’: inicia-se pela descrição e explicação do espaço próximo, ‘vivido’, passando, depois, para o estudo de espaços mais distantes (ALMEIDA, 1998, p.84)

Segundo a autora, nessa abordagem, as questões do mundo aparecem em uma análise não holística, sem conexão com os processos que ocorreram na constituição da sociedade e do cotidiano social em que os alunos estão inseridos. Assim, a Geografia pouco contribuirá na formação das novas gerações. Não é viável ensinar Geografia somente por meio dos conteúdos programados, sem uma mediação entre os conhecimentos geográficos do professor e do aluno. A sala de aula deve ser um espaço onde o aluno aprende a observar, questionar, comparar, analisar e compreender a lógica da organização do espaço. A prática docente do ensino de Geografia é muito importante no aprendizado do aluno, por isso, o profissional dessa área deve encontrar a melhor forma de se trabalhar. Almeida (1998) reforça:

Cada professor deverá buscar os caminhos que atendem às peculiaridades de sua realidade escolar, procurando soluções mais eficazes para lidar com os problemas próprios da situação, tornando-se um verdadeiro profissional na arte de educar. [...] Os professores precisam perceber que seu papel no processo de democratização de nossa sociedade consiste em, principalmente, desenvolver uma prática pedagógica não alienante, mas conscientizadora. E o ensino da geografia serve para isso (ALMEIDA, 1998, p.87-89).

O autoritarismo na sala de aula é extremamente prejudicial na aprendizagem do discente. O professor precisa ser “amigo” do aluno, pois, de certa forma a unidade escolar é uma família. É preciso superar o ensino reprodutor e uma aprendizagem



geográfica superficial. Em que o aluno decora nomes de estados, capitais, bacias hidrográficas etc. Um dos objetivos do ensino de Geografia é levar o aluno a pensar por contra própria, construir a sua visão social. “Recomenda-se então, para as salas de aula, procedimentos que propiciem maior motivação e atividade intelectual dos alunos, que levem a uma interação ativa e problematizadora com os objetos [...]” (CAVALCANTI, 2002, p.20). O professor é o sujeito central nesse processo de construção de conhecimento do aluno para a cidadania.

Para Kaercher (2002) nem o profissional de Geografia, nem o aluno devem ser alienantes, fáceis de se manipular, pois, nem tudo que se lê e se ouve são verdades incontestáveis:

Devemos ensinar mais nossos alunos (a nós mesmos) a duvidarem do que se ouve e lê, inclusive nos livros e na televisão, para que o aluno perceba que não estamos, quando damos aula, ensinando doutrinas, verdades, mas sim que estamos construindo um conhecimento novo a partir do que já temos (a fala do professor, do aluno, o livro texto, os meios de comunicação etc) (KAERCHER, 2002, p. 222).

Os assuntos da disciplina Geografia lecionados em sala de aula para o autor é uma questão política e uma postura do professor, pois, “[...] a escolha dos conteúdos a ensinar na Geografia requer um recorte que nunca é apenas ‘pedagógico’ ou didático. Escolhemos alguns assuntos entre as muitas possibilidades. E essa seleção tem caráter político” (KAERCHER, 2004, p. 55). Muitos professores têm uma formação inadequada, não sabem o que e para quem ensinar. “Não basta saber Geografia, mas sem sabê-la não há como cativar os alunos a nos ouvir. Sem saber o que queremos com nossa ciência, não há aluno que vá nos ouvir interessadamente” (KAERCHER, 2004, p.224). A atuação do profissional de Geografia exige preparação teórica e prática de ensino constante. Assim, como Rodrigues (1992) afirma, acredita-se que o livro didático deve ser o ponto de partida, um material de apoio, e não o início e o fim da atividade pedagógica. O conhecimento faz-se por meio de um processo, no qual envolve a realidade vivida.



Kaercher (2000) propõem um ensino menos ‘formalizado’, em que o livro didático não seja a única fonte de conteúdo a ser passado para os alunos. É preciso inovar, arriscar a fazer diferente, ouvir e entender os interesses e a lógica dos alunos.

Muitos docentes buscam melhorar a sua prática de ensino, mas, acabam encontrando vários desafios, sendo alguns deles: as questões trabalhistas, a precariedade das escolas, o cansaço, carga horária, etc. É evidente por mais dificuldades que exista para o profissional educador, no ensino e aprendizagem de qualquer disciplina deve haver respeito mútuo entre o docente e o aluno e que o ambiente escolar seja adequado para o estudo. Segundo Kaercher:

Se o professor for inábil na construção de uma relação respeitosa entre ele e os discentes de pouco vai valer ser um grande gestor/conhecedor da matéria. Sem pacto pedagógico entre as partes envolvidas não há matéria que atraia o alunado (KAERCHER, 2004, p. 55).

Rodrigues (1992) também contribui: “Logo, a educação escolar não pode ser pensada como algo que produz, na sua própria dinâmica, caminhos diferenciados para a ação social concreta em função de interesses e necessidades dos próprios educandos.” (RODRIGUES, 1992, p. 23).

No desenvolvimento do trabalho docente, o aluno precisa aprender a observar, a relacionar dados, a estabelecer generalizações e inferir explicações científicas, que são desenvolvidas na escola. A prática de ensino de Geografia necessita superar a visão de ensino reprodutor de conhecimento e ideias ultrapassadas que classifica a geografia, como por exemplo, o estudo da superfície terrestre, o estudo da natureza, sem nenhuma lógica do que realmente significa esses conceitos. Para Calvacanti (2002), dentre tantos objetivos de Geografia destaca-se a possibilidade de desenvolver e formar o pensamento autônomo do aluno a partir da compreensão do raciocínio geográfico, da complexidade que há no espaço contemporâneo das múltiplas relações local e global.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Segundo Oliveira (1998) o ensino atual de Geografia ainda apresenta herança do período autoritário em que viveu o Brasil. Esse processo contribuiu para a “indústria do livro”. Infelizmente o governo não oferece condições adequadas para desenvolver um trabalho de qualidade, o docente precisa superar muitos desafios sem ajuda do Estado. Ainda segundo o autor, cabe ao professor de Geografia junto com os demais docentes formar, desenvolver a conscientização de totalidade da sociedade brasileira e do mundo no aluno, para que este compreenda a sociedade de classe que está inserido, impregnado de ideologias a favor dos grandes agentes capitalistas. É essencial que o docente contribua na formação cidadã do aluno.

Os professores devem-se posicionar criticamente sobre os conteúdos apresentados no livro didático, expor seu ponto de vista seus conhecimentos, para além da mera reprodução de ideologias.

A prática de ensino de Geografia deve ser pautada no compromisso ético e social, que perceba o aluno como um ser pensante, que possa apropriar do saber construído na escola e no seu cotidiano e transformar o meio em que vive. Nesse processo, o diálogo entre o professor e o aluno é fundamental para que, aos poucos, o caráter prático do docente de Geografia construa uma educação participativa.

Para que ocorra uma conscientização espacial para a cidadania na maior parte das vezes há uma necessidade de mudança na relação professor-aluno. É preciso analisar-se e por meio dessa avaliação identificar se a metodologia de ensino está sendo adequada para que a classe escolar veja a geografia como um conhecimento útil para o bem estar social de todos.

Muitas vezes torna-se evidente a dificuldade de aprendizagem e o desinteresse que a maioria dos alunos tem com a Geografia, visto que estes não percebem a relação dos conteúdos ensinados com o seu cotidiano. O que pode contribuir para essa realidade, dentre outros fatores é a postura autoritária, acrítica, e não mediador de alguns professores. É preocupante que a Geografia ensinada em muitas escolas não contribua no desenvolvimento lógico, crítico, construtor, questionador do aluno. Diante



dessas questões frequentemente encontradas no ambiente escolar, houve a necessidade de investigar se essa é a realidade do Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP) de Vitória da Conquista.

A UNIDADE ESCOLAR: CETEP

A unidade escolar CETEP está localizada na Estrada do Bem Querer, no quilômetro 04, Fazenda Candeias, no Bairro Universitário. Em 2006 foi implantando na escola o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional com o curso Técnico em Informática. Atualmente encontra-se o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, Técnico em Informática, Agroecologia, Agropecuária, Edificações, Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), Educação Profissional Subsequente em Técnico em Agropecuária, Enfermagem e contabilidade. Todos autorizados e reconhecidos mediante o plano de curso aprovado pela Superintendência de Educação Profissional (SUPROF). Assim, o nome da escola passou de Agrotécnica Sérgio de Carvalho para Centro Territorial de Educação Profissional.

A unidade escolar atende os alunos de Vitória da Conquista e também de outros municípios do estado da Bahia. A estrutura física consta de 12 salas de aula; 03 Laboratórios de Informática; 01 Laboratório de Química e Biologia; 01 Sala dos professores; 01 Sala da Direção; 01 Sala para reuniões; 01 Refeitório; 06 Banheiros; 01 Secretaria; 02 Almoxarifados; 01 Quadra de esporte; 01 Aviário; 01 Pocilga; 01 Curral. Há uma biblioteca criada recentemente, que toda a comunidade escolar tem acesso, é um espaço pequeno, mas, amplo se compararmos a algumas bibliotecas que raramente existe em outras escolas públicas. Referente aos recursos humanos, a escola conta com 01 diretora, 03 vice-diretoras, 01 secretaria, 52 professores, 998 alunos, 03 serviços administrativos, 13 serviços de apoio (2012). Os espaços físicos, como por exemplo, a sala dos professores, as salas de aula, a biblioteca, o laboratório de informática, de química e biologia, o refeitório, os banheiros e a diretoria, todos são organizados.



Nos corredores e na diretoria têm câmara, em função de uma maior vigilância e segurança do espaço escolar. No início, os alunos não gostaram dessa situação, mas, posteriormente acostumaram. No laboratório de informática há um monitor responsável pela coordenação da sala, quando tem aula e também nos momentos que os alunos podem utilizar o computador para fins pessoais. Nas aulas quando a turma é muito grande é preciso dividi-la, essa situação ocorre mais no turno matutino, pois, a quantidade de alunos é superior ao turno vespertino e noturno.

Um dos problemas observados é que a grade curricular vem pronta de Salvador, não podendo ser alterada conforme as prioridades e necessidades de cada curso. O CETEP não aceita aluno do 2º ano, com exceção se o aluno for de outra escola técnica.

Por meio das observações e entrevistas informais, percebe-se que os alunos gostam dos eventos culturais que ocorrem no CETEP, visto que, são importantes na aprendizagem social. Quanto à escolha do curso, a maioria dos discentes estuda na escola porque acreditam ter mais oportunidade de ingressar no mercado de trabalho, por se tratar de um curso técnico.

A prática de ensino deve ser pautada no compromisso ético e social, que perceba o aluno como um ser pensante, que possa apropriar do saber construído na escola e no seu cotidiano e “transformar” o meio em que vive. Nesse processo, o diálogo entre o professor e o aluno é fundamental para construir uma educação participativa

Uma profissional de geografia que atua nesse espaço relatou que procura fazer as correções de atividades sempre pondo a turma em semicírculo, pois dessa forma, a uma maior interação e participação dos discentes. A professora em questão procura passar os assuntos de forma que os alunos tenham capacidade de responderem de forma crítica. Essas práticas são positivas, pois desperta o interesse dos alunos pelos conteúdos abordados na matéria, tornando assim, o ensino significativo.

A prática de ensino deve ser pautada no compromisso ético e social, que perceba o aluno como um ser pensante, que possa apropriar do saber construído na escola e no



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

seu cotidiano e “transformar” o meio em que vive. Nesse processo o diálogo entre o professor e o aluno é fundamental para construir uma educação participativa.

Nos dias atuais, há um desinteresse crescente dos alunos em relação ao ambiente escolar, sendo necessário que os professores busquem crescentemente novas práticas no intuito de envolvê-los. As aulas da professora de Geografia eram participativas, em que a mesma buscava a interação dos alunos, mesmo sem aparatos tecnológicos havia o interesse dos alunos, visto que, a professora trabalhava de forma dinâmica. A mesma trabalhava mais com o livro didático, algumas vezes trazia apostilas com atividades para serem discutidas em sala de aula.

O ensino e aprendizagem de Geografia tem um papel fundamental na formação dos sujeitos, visto que, auxilia no entendimento dos processos que ocorrem na sociedade, com todas as suas diversidades e complexidades. O olhar geográfico é um construto do ensino de qualidade, por isso, há necessidade de uma constante atualização, qualificação do professor de geografia, para que o mesmo desenvolva um bom trabalho, como um mediador de conhecimentos e saberes.

CONCLUSÕES

A sociedade atual exige do indivíduo muito mais que saber ler e escrever. Entretanto, as ferramentas que são oferecidas na escola muitas vezes não são suficientes para que o aluno ao término do Ensino Médio ingresse no mercado de trabalho ou em uma universidade. Há uma defasagem de matéria nos cursos técnicos. Na maioria das vezes apenas especializa o aluno em certa área, conhecimento, não abrangendo o ensino e aprendizagem de outras áreas. Entretanto, percebe-se que o CETEP mesmo com esses problemas busca uma gestão com o compromisso de formar bons alunos técnicos, comprometido com a cidadania.

É preciso que os alunos saibam expor suas opiniões criticamente. Por isso, a prática docente deve realizar um trabalho pautado no compromisso ético e social.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Assim, há necessidade dos professores de Geografia da unidade escolar buscarem constantemente novas alternativas para que suas aulas tornem mais atrativas e assim desperte nos alunos a vontade de aprender. Nesse processo, é necessário a troca de conhecimento entre aluno e professor, para formar assim, cidadãos conscientes e atuantes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de geografia. In: **Revista Terra Livre** 8. Prática de ensino em geografia. São Paulo: AGB, 1998, p. 83 – 90.
- CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia e práticas de ensino**. Editora Alternativa, 2002.
- KAERCHER, Nestor André. **Quando a geografia crítica pode ser um pastel de vento**. In: Mercator. Ano 3, nº 6. Fortaleza: UFC, 2004.
- _____. **O gato comeu a geografia Crítica?** Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia In: PONTUSCHKA, N. N. OLIVEIRA, A. U. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. Geografia o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antônio (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualidades no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p.135 a 169.
- RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola à escola necessária**. 6. ed. São Paulo: Cortez 1992.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de, et al. Educação e ensino de geografia na realidade Brasileira. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de geografia?** 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p.135-144.